

# DISCURSOS DO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO: DA COLONIALIDADE AO DUPLO VINCULO

Klondy Lúcia de Oliveira Agra

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

DOI: 10.25768/21.04.01.003

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo principal analisar sob a ótica das teorias culturais, que se preocupam com o modo de vida do ser humano, suas paisagens e seu lugar, o discurso do Presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, eleito em 2018, para observar se tais discursos, construídos, mantidos e amplamente divulgados através de mídias diversas trazem algum dano ao país, as paisagens e ao lugar de diferentes comunidades. O método utilizado para a pesquisa foi o qualitativo. Com a análise observamos que a colonialidade e o duplo vínculo (*double bind*) estão presentes nos discursos analisados e que tais discursos conduzem à compreensão errônea e se transformam em ferramenta de ódio que conduzem os seguidores do Presidente ao desrespeito às instituições, a atos violentos e preconceituosos, à apropriação de terras, destruição de povos e culturas. Fatos que causam prejuízos incalculáveis a várias comunidades pela destruição de paisagens, histórias e lugares.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brasil; colonialidade; duplo vínculo.

---

## Índice

Introdução . . . . .	1
1 A Importância da Observação e Reconhecimento da Presença da Colonialidade e do <i>Double Bind</i> no Discurso para sua Compreensão e Desconstrução . . . . .	2
2 Algumas formulações discursivas (FDs) do candidato à Presidência do Brasil/2018 . . . . .	3
3 Já Presidente, o discurso da colonialidade expõe o duplo vínculo . . .	9
4 Conclusão . . . . .	15

5 Bibliografia . . . . .	16
--------------------------	----

## Introdução

EM tempos conturbados, há a necessidade de buscar a compreensão de falas e discursos para a vida fluir inteligível de maneira a conduzir nossa audiência ao entendimento e debates. Para isso, fez-se um estudo qualitativo, com o objetivo principal de analisar sob a ótica das teorias culturais, que se preocupa com o modo de vida do ser humano, suas paisagens e com o seu lugar, o discurso do Pre-

sidente da República do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, eleito em 2018, para observar se tais discursos, construídos, mantidos e amplamente divulgados através de mídias diversas trazem algum dano ao país, as paisagens e ao lugar de diferentes comunidades.

De acordo com McDowell (1996) analisar fatos culturais, objetos do cotidiano, representações, estudos de sentidos que conduzem a significados, paisagens e à construção social de identidades baseadas em lugares é essencial. O foco da investigação da cultura inclui, seus sentidos e significados, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas. Com esse olhar cultural, utiliza-se aqui, a análise do discurso para perceber o que há nos discursos de Bolsonaro e se tais discurso influem nas paisagens, lugares e modos de vida.

O discurso, neste estudo, é compreendido como um processo de articulação entre o domínio linguístico e o campo social (apreendido pela história). Um espaço onde a ideologia se manifesta e se materializa, produzindo sentidos para e entre seus sujeitos. Por isso, o discurso aqui é visto como uma ferramenta importante, tanto para os que querem implantar o medo e a insegurança, como para aqueles que querem resistir a qualquer forma de ditadura ou desmonte da máquina pública.

O *double bind* é uma expressão criada pelo antropólogo Bateson, na década de 50, e, neste estudo, é compreendida como um duplo vínculo ou dupla mensagem. Um duplo vínculo que conduz a compreensões errôneas e conflitos institucionais.

Colonialidade é incluída, de acordo com Quijano (2005), ou seja um padrão de controle, hierarquização e classificação da população mundial que afeta todas as dimensões da existência social, e que tem no conceito de raça seu eixo estruturante.

## 1 A Importância da Observação e Reconhecimento da Presença da Colonialidade e do *Double Bind* no Discurso para sua Compreensão e Desconstrução

No desenho de mundo traçado pelo imperialismo, de centro e periferia, o sujeito que fala está inserido nas estruturas de poder do mundo moderno/colonial (Quijano e Wallerstein, 1992). Como mundo moderno/colonial ou sistema mundo/moderno colonial compreende-se de partida a metáfora sistema-mundo moderno proposta por Wallerstein (1974). Ou seja, um mundo visto de dentro da Europa, ou hoje, de dentro dos Estados Unidos da América e outras potências econômicas, no qual se vê o capitalismo como modernidade, ou seja, aparece como um fenômeno europeu (ou imperial), do qual todo o mundo é partícipe, mas com distintas posições de poder. Isto é, a colonialidade do poder é o eixo que organizou e continua organizando a diferença colonial, a periferia como natureza (Mignolo, 2005).

O discurso do pretense colonizador hoje, ou seja daquele que carrega em si a colonialidade, traz a imposição e implica na construção ideológica que permite fabricar, peça por peça, o seu dizer. Formações Discursivas (FDs) regionalizadas, como configurações específicas dos discursos em suas relações.

Um interdiscurso que incorpora elementos externos a uma dada Formação Discursiva (FD) e os insere em uma linha de continuidade interna, também chamada de ordem do discurso, construído com sentidos subjetivos que passados e repassados, se carregados de preconceitos ou ideias do *nós* contra *eles*, tornam a sociedade fragilizada, em crise de sentidos, reforçando o discurso daquele que age como colonizador, aquele que traz em si, o pior do sentido *colo*, aquele que tira proveito, que explora um mecanismo ideológico que serve para justificar qualquer tipo de injustiça e desigualdades sociais.

É esse interdiscurso que procura ouvir o “não-dito” naquilo que é dito (Pêcheux, 2001)

e é afetado por dois tipos de esquecimentos. O primeiro é o da instância ideológica, o qual cria, no sujeito, uma ilusão constitutiva, aquela de que ele é a origem do seu dizer: que o que ele diz é novo, nunca fora dito antes. De natureza inconsciente, esse tipo de esquecimento configura o próprio processo de interpelação do sujeito.

O segundo, o da ordem da enunciação, o qual estabelece que não existe uma forma única para o dizer, que sempre pode ser dito de outra maneira, sempre pode ser outro. Ademais, por saber que o que diz pode ser interpretado e compreendido de diversas maneiras (pela própria inclusão do Outro em seu discurso), por não se constituir como a fonte do sentido, o sujeito conscientemente reformula seu dizer, na tentativa de expressar suas ideias mais adequadamente, da forma mais precisa possível, manipulando seu ouvinte, fazendo com que o “outro” acredite que aquele discurso é o seu próprio discurso.

- a) uma forte relação complementar (superior e subordinado);
- b) no quadro desta relação, é dada uma ordem que tem que ser obedecida, mas que também deve ser desobedecida para que seja obedecida ;
- c) a pessoa que ocupa a posição de inferioridade nessa relação é incapaz de *sair* do seu quadro e dissolver, assim, o paradoxo, fazendo um comentário sobre ele, isto é, meta comunicando a seu respeito (isto seria equivalente à insubordinação). (Watzlawick *et al*, 1973, p. 180-1).

A dependência pode ser estabelecida tanto por um vínculo institucional burocrático, por valores tradicionais introjetados, como imposta por uma situação de fato. Em qualquer destes casos, o indivíduo fica numa situação insustentável quando é exposto ao paradoxo pragmático. A extensão das consequências do impasse causado pelo paradoxo pragmático e dos seus efeitos através do duplo vínculo a contextos institucionais e políticos são quase sempre irremediáveis.

Compreende-se, portanto, importante reconhecer tanto discursos apoiados na colonialidade como discursos com dupla mensagem (*double bind*), pois ambos conduzem a paradoxos que devem ser evitados. Acredita-se,

A presença do duplo vínculo ou dupla mensagem (*double bind*) no discurso’ é responsável não só pelos impasses vivenciais, mas também pelos impasses das instituições políticas, independente das ideologias que as alimentam, ou dos regimes que lhes deem suporte.

A construção do discurso com duplo vínculo já nasce com o objetivo de provocar paradoxos na sua audiência. Contradições tão fortes que Watzlawick *et al* (1973) denominou de paradoxo pragmático. A mais compacta versão do paradoxo pragmático, de acordo com Epstein (1993) diz respeito a ordem: Desobedeça!, que necessita ser contrariada, ou seja, obedecida para ser efetivada.

No entanto, Watzlawick *et al*. (1973) esclarece que, além do paradoxo pragmático conter uma injunção contraditória, é necessário que este comando não possa ser ignorado. Assim, para isso, tais formações discursivas devem possuir os seguintes ingredientes:

portanto, que seja esse o caminho para delinear, mais do que uma forma de combater o autoritarismo, a dominação e a opressão, mais também, ofereça resistência a interpretações errôneas e procure esclarecê-las com a utilização de novos pontos de vista e compreensão.

## 2 Algumas formulações discursivas (FDs) do candidato à Presidência do Brasil/2018

O candidato, Jair Messias Bolsonaro, atual Presidente do Brasil, tornou-se conhecido nacionalmente por suas posições nacionalistas, preconceituosas e vista por muitos como conservadoras, por suas críticas ao comunismo e à esquerda e por declarações contro-

versas. Saiu do anonimato nacional, não por méritos ou atos democráticos, mas por defender a ditadura militar no Brasil e por considerar a tortura uma prática legítima.

Em 17 de abril de 2016, votou a favor do *impeachment* da Presidente Dilma Rous-

seff com um discurso que causou polêmica e protestos de entidades de defesa dos direitos humanos. Na ocasião, Bolsonaro comparou o *impeachment* ao golpe militar de 1964, observe:

“Perderam em 1964, perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade. Contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim.” (Jair Bolsonaro em 17/04/2016). <https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/04/perolas-do-domingo-de-votacao-na-camara>.

Já com um discurso pronto, com a intenção de criar uma polarização na sociedade e construir sentidos moralistas em parte da sociedade, Bolsonaro inicia sua campanha alinhavada pela pauta moral e com detalhes arrematados de disseminação de ódio. Propagou seus sentidos contrários a *ideologia de gênero* e ao que ele chama de *doutrinação ideológica*. Uma luta subjetiva e pessoal construindo sentidos em sua audiência de destruição de jovens e famílias por uma ideologia comunista, começando pela invenção de um *kit gay*, inexistente e muito bem explorado em suas estratégias discursivas.

Na construção de sua imagem, Bolsonaro continuou com seus discursos preparados para intensificar essa polarização partidária e, desse modo, produziu um endurecimento do eleitorado já fragilizado e quase sem perspectivas após o *impeachment* de uma presidente e de campanhas diversas da mídia com denúncias devastadoras e repetitivas. Ademais, não só o país ficou cada vez mais dividido

em falsos moralistas ‘*homens de bem*’, e pevistas ‘*comunistas amorais*’ (de acordo com os discursos de Bolsonaro) com poucos eleitores com pensamento crítico ou com um nível de raciocínio lógico que os permitissem analisar esses discursos, a polaridade se instala e se tornam cada vez mais leais aos sentidos do referido candidato – e hostis aos outros. Encontramos em suas falas o interdiscurso, ou seja, o espaço que, composto por diversas formações discursivas (FDs) e, conseqüentemente, formações ideológicas (FIs), disponibiliza inúmeras formulações já feitas (e esquecidas), repetida tantas vezes que, dadas as novas condições de produção (Cps), novos sentidos são produzidos e a hostilidade se instala.

Em um de seus discursos, Bolsonaro chegou a mencionar que, se eleito, deixaria a Organização das Nações Unidas (ONU), recuando dias depois e afirmando que sairia apenas do Conselho de Direitos Humanos da entidade, numa imitação direta do Presidente dos Estados Unidos, Donald Trump:

“Não serve para nada essa instituição”, disse Bolsonaro. Em julho de 2018, durante uma entrevista no programa Roda Vida ao fazer referência à ONU, e ainda, defendeu mais uma vez a ditadura militar (1964-1985) e disse que, se eleito, não abriria os arquivos do regime, declarando: “Não houve golpe militar em 1964. Quem declarou vago o cargo do presidente na época foi o Parlamento. Era a regra em vigor”. (Grifo nosso). <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,nao-houve-golpe-militar-em-64-afirma-bolsonaro-no-roda-viva,70002423000>

Na maioria dos discursos do candidato Bolsonaro, se pode notar o que a teoria demonstra, como a ideologia interpela indivíduos como sujeitos, isto é, a fim de assegurar seu funcionamento, ela promove o assujeitamento do sujeito enquanto sujeito ideológico que, com a impressão de estar exercendo sua própria vontade, acaba sendo conduzido por ela. Há assim um efeito, que é o efeito ideológico elementar, pelo qual, o sujeito, sendo sempre já sujeito, coloca-se na origem do que diz. M. Pêcheux vai tratar disso no que ele chama de “pequeno teatro teórico” da interpelação, pelo qual evita-se o paradoxo de dizer “o sujeito é interpelado (em sujeito) pela ideologia”. Evita-se a pressuposição da existência do sujeito sobre a qual se faria a interpela-

ção[...] (Pêcheux, 2001). Com a dissimulação no interior de seu discurso, Bolsonaro contribui para a caracterização e divulgação da própria ideologia, colaborando na constituição do sujeito e na produção dos sentidos.

Entre vários discursos analisados, observamos algumas frases que exibem o que tão bem a teoria nos abaliza, que o discurso, governado por FIs, é entendido como uma estrutura na qual surgem os acontecimentos, ou seja, baseando-se na opacidade da linguagem, ele é construído dentro de uma conjuntura sócio histórica, evocando memórias e sentidos já produzidos em outros lugares, por outros sujeitos e em outros momentos como se pode observar abaixo:

“O erro da ditadura foi torturar e não matar.” (Jair Bolsonaro, em discussão com manifestantes)

“Pinochet devia ter matado mais gente.” (Bolsonaro sobre a ditadura chilena de Augusto Pinochet. Disponível na revista *Veja*, edição 1575, de 2 de Dezembro de 1998 – Página 39). <https://veja.abril.com.br/mundo/erro-da-ditadura-foi-torturar-e-nao>

Nos discursos do candidato, observa-se a *invenção de Brasil* e todo o preconceito que acompanha a sua visão de mundo e os valores que o cercam. Um preconceito que no discurso colonizador serviu como estratégias para controlar as pessoas, por meio de

manipulação do conhecimento, impondo sua própria verdade sobre seus seguidores (SAID 1978) e hoje, no discurso repleto de colonialidade, escancara preconceitos como nessas FDS:

“Seria incapaz de amar um filho homossexual. Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí.” (Jair Bolsonaro em entrevista sobre homossexualidade na revista *Playboy*)

“Não te estupro porque você não merece.” (Jair Messias Bolsonaro, para a deputada federal Maria do Rosário)

“Eu não corro esse risco, meus filhos foram muito bem-educados” (Bolsonaro para Preta Gil, sobre o que faria se seus filhos se relacionassem com uma mulher negra ou com homossexuais)

“A PM devia ter matado 1.000 e não 111 presos.” (Bolsonaro, sobre o Massacre do Carandiru) (<https://g7m.a.com/as-frases-polemicas-e-racistas-de-jair-bolsonaro/>)

Em todas suas enunciações, Bolsonaro deixa claro seus valores à sua audiência, à medida que se observa a escolha das palavras e na conotação pejorativa. Tal fato se deve ao que Souza (1991) chama de emprego de expressões ou cognomes que traduzem conceitos a

serviço do colonizador. Expressões que vieram com o colonizador e perpetuam-se pelo discurso do colonizado, reforçando a colonialidade. A necessidade de se mostrar *íntegro* e dentro do retrato do que se apropria do poder parece ser uma tentativa de generalizar e assim

despersonalizar quem não o apoia e mais uma vez macular o diferente. Essas tentativas de infamar estão presentes nessas FDS, também:

“Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater.” (Afirmção de Jair Bolsonaro após caçoar de FHC sobre este segurar uma bandeira com as cores do arco-íris)

“Você é uma idiota. Você é uma analfabeta. Está censurada!”. (Declaração irritada de Jair Bolsonaro ao ser entrevistado pela repórter Manuela Borges, da Rede TV. A jornalista decidiu processar o deputado após os ataques)

“Parlamentar não deve andar de ônibus”. (Declaração publicada pelo jornal O Dia em 2013)

“Mulher deve ganhar salário menor porque engravida” (Bolsonaro justificou a frase: “quando ela voltar [da licença-maternidade], vai ter mais um mês de férias, ou seja, trabalhou cinco meses em um ano”) (<https://g7ma.com/as-frases-polemicas-e-racistas-de-jair-bolsonaro/>)

Como um colonizado, com sentidos do colonizador, Bolsonaro não parece se importar se tais pontos de vista fazem jus ou não as pessoas, ao grupo ou à cultura da população brasileira; se carregam ou não preconceitos. Com FDS carregadas de colonialidade, ele demonstra seus valores construídos em uma cultura racista, machista e homofóbica.

Para além disso, utiliza do discurso para incentivar o armamento, o ódio e a violência, ao mesmo tempo que constrói em seus seguidores a ideia de que eles próprios são superiores e podem e devem divulgar os mesmos discursos, apropriando-se e repetindo a colonialidade do Presidente eleito, como se pode observar abaixo:

“Em meu governo, milicianos serão muito bem-vindos” (Bolsonaro na Tribuna da Câmara Federal em Brasília – Vídeo exibido no Programa Conversa com Bial do dia 16/04/19).

Em debate na Band, no dia 9 de agosto, Bolsonaro creditou a violência no país à “política de direitos humanos”, que, segundo o candidato, “desarmou o cidadão de bem”, enquanto “o bandido continua muito bem armado”. <https://g7ma.com/as-frases-polemicas-e-racistas-de-jair-bolsonaro/>

Sobre indígenas serem um obstáculo à mineração e ao agronegócio o discurso do candidato à presidência do Brasil, Jair Bolsonaro, já vinha carregado de ideologia construída com sentidos errôneos. Com esse discurso

construiu e, ainda continua a construir sentidos em seus eleitores interperando indivíduos como sujeitos, promovendo, como já mencionamos anteriormente, o assujeitamento do sujeito. Como podemos notar nestes recortes:

“Não tem terra indígena onde não têm minerais. Ouro, estanho e magnésio estão nessas terras, especialmente na Amazônia, a área mais rica do mundo. Não entro nessa balela de defender terra pra índio” Campo Grande News, 22 Abril 2015

“[reservas indígenas] sufocam o agronegócio. No Brasil não se consegue diminuir um metro quadrado de terra indígena” Campo Grande News, 22 Abril 2015

“Não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola” Clube Hebraica, Rio de Janeiro, 3 Abril 2017

“Pode ter certeza que se eu chegar lá (Presidência da República) não vai ter dinheiro pra ONG. Se depender de mim, todo cidadão vai ter uma arma de fogo dentro de casa. Não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola.” Estadão, 3 Abril 2017 [www.survivalbrasil.org/artigos/3543-Bolsonaro](http://www.survivalbrasil.org/artigos/3543-Bolsonaro)

Novamente o interdiscurso se apresenta, ou seja, o espaço que, composto por diversas FDs e, conseqüentemente, FIs, disponibiliza inúmeras formulações já feitas (e esquecidas), repetida tantas vezes que, dadas as novas CPs, novos sentidos são produzidos e a hostilidade por comunidades tradicionais e seus direitos constitucionais se instala.

Os índios não falam nossa língua, não têm dinheiro, não têm cultura. São povos nativos. Como eles conseguem ter 13% do território nacional” Campo Grande News, 22 Abril 2015

“Pena que a cavalaria brasileira não tenha sido tão eficiente quanto a americana, que exterminou os índios” Correio Braziliense, 12 Abril 1998 [www.survivalbrasil.org/artigos/3543-Bolsonaro](http://www.survivalbrasil.org/artigos/3543-Bolsonaro)

Com suas FDs, Bolsonaro exhibe sua ideologia. De acordo com Althusser (1985), a ideologia expressa "sempre, qualquer que seja sua forma (religiosa, moral, jurídica, política), posições de classe" e, desta forma, busca, por meio de aparelhos repressivos e ideológicos reguladores das práticas dos indivíduos que formam uma sociedade, a perpetuação ou a reprodução das relações de produção/ exploração. Para tanto, a ideologia interpela indivíduos como sujeitos, isto é, a fim de assegurar seu funcionamento (o assujeitamento).

A ideologia caracteriza-se, enfim, por sua dissimulação no interior de seu próprio funcionamento, colaborando na constituição do sujeito e na produção dos sentidos. Considerando as ideias althusserianas e os conceitos de Foucault acerca do discurso e da formação discursiva, Pêcheux (2001) elabora suas próprias noções de formação discursiva (FD) e formação ideológica (FI). Formada a partir de condições de produção (CP) específicas, uma FD, conforme dito anteriormente, determina tudo “o que pode e deve ser dito” pelos falantes de uma língua em uma dada formação ideológica que, por sua vez, define-se como um elemento (..) suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento; desse modo, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de

Numa mostra de que seus sentidos já vinham sendo construídos e fortificados a longo de sua vivência, observa-se a ideologia presente nestas FDs, que o acompanhavam durante a passagem de Bolsonaro na Câmara Federal:

representações que não são nem 'individuais' nem 'universais' mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras (Pêcheux e Fuchs, 2001).

A ausência de delimitações precisas entre as fronteiras que separam uma FD de outra(s) faz com que elas apresentem, muitas vezes, conflitos dentro delas mesmas e entre si. Esta inscrição entre diversas FDs acontece exatamente pelas formações ideológicas que as circundam e as abrangem.

Em outras palavras, são as FIs que, constituídas pela interligação de diferentes FDs, possibilitam que um determinado sentido seja apreendido e não outro. Além disso, para que a reprodução das relações de produção seja efetiva, as FIs fazem uso de mecanismos de interpelação ou de assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico. Um sujeito cria sentidos a respeito de uma determinada palavra ou ideia a partir das FDs que o constituem e das posições ideológicas que ele assume no processo sócio histórico em que esta palavra ou ideia foi produzida.

As FDs do candidato Bolsonaro já divulgavam suas ideologias, sempre carregadas de preconceitos e fartamente repetidas pelas diversas mídias. Desse modo, constroem sentidos e reforçaram o discurso carregado de colonialidade e expõe o duplo vínculo Como se observa nessas formações discursivas:

“Através do voto você não vai mudar nada nesse país, nada, absolutamente nada! Só vai mudar, infelizmente, se um dia nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro, e fazendo o trabalho que o regime militar não fez: matando uns 30 mil, começando com o FHC, não deixar para fora não, matando! Se vai morrer alguns inocentes, tudo bem, tudo quanto é guerra morre inocente.” (1999)

“A atual Constituição garante a intervenção das Forças Armadas para a manutenção da lei e da ordem. Sou a favor, sim, de uma ditadura, de um regime de exceção, desde que este Congresso dê mais um passo rumo ao abismo, que no meu entender está muito próximo (1999)

Discurso na tribuna da Câmara em junho de 1999. No mesmo ano, questionado no programa Câmara Aberta, da Band, se fecharia o Congresso caso fosse presidente da República, Bolsonaro respondeu: “Não há a menor dúvida. Daria golpe no mesmo dia. No mesmo dia! [...] O Congresso hoje em dia não serve para nada.”

“Somos um país cristão. Não existe essa historinha de Estado laico, não. O Estado é cristão. Vamos fazer o Brasil para as majorias. As minorias têm que se curvar às majorias. As minorias se adequam ou simplesmente desaparecem” (2017). O discurso, gravado em vídeo e publicado no YouTube, foi feito durante um evento na Paraíba em fevereiro de 2017, diante de seus apoiadores. ([www.cartacapital.com.br/Politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/](http://www.cartacapital.com.br/Politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/))

Segundo Albert Memmi (2007), o retrato que o colonizador faz do colonizado sempre envolve sua visão errônea da realidade que vê no colonizado *os defeitos* que acredita estar em contraste com *as qualidades* do colonizador essa visão errônea se estende ao co-

lonialismo. Como se pode observar no discurso a respeito da demarcação de terras indígenas e quilombolas pelo então deputado federal Bolsonaro que imitando o colonizador carrega essa colonialidade:

“Eu já briguei com o Jarbas Passarinho [ex-Ministro da Justiça] aqui dentro. Briguei em um crime de lesa-Pátria que ele cometeu ao demarcar a reserva Ianomâmi. Criminoso.” Entrevista com Marcelo Godoy, 2 Abril 2017 “Não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola”

“Se eu assumir [a Presidência do Brasil] não terá mais um centímetro para terra indígena” Dourados, Mato Grosso do Sul, 8 Fevereiro 2018 ([www.survivalbrasil.org/artigos/3543-Bolsonaro](http://www.survivalbrasil.org/artigos/3543-Bolsonaro)).

Posteriormente Bolsonaro se corrigiu, e afirmou que quis dizer “nem um milímetro”

em entrevista com Globo News, 3 Agosto 2018 (01:23:30)

“Essa política unilateral de demarcar a terra indígena por parte do Executivo vai deixar de existir, a reserva que eu puder diminuir o tamanho dela eu farei isso aí. É uma briga muito grande que você vai brigar com a ONU” Video pelo Correio do Estado, 10 Junho 2016. ([www.survivalbrasil.org/artigos/3543-Bolsonaro](http://www.survivalbrasil.org/artigos/3543-Bolsonaro)).

Como foco da discussão em seus discursos há a necessidade de controle e da manutenção da autoridade da colonialidade. Ou seja, há a necessidade de construir, divulgar

e manter um discurso que acredite agradar o centro e não a periferia. Acerca de abolir terras indígenas já demarcadas, Bolsonaro declarava:

“Em 2019 vamos desmarcar [a reserva indígena] Raposa Serra do Sol. Vamos dar fuzil e armas a todos os fazendeiros” No Congresso, publicado em 21 Janeiro 2016. ([www.survivalbrasil.org/artigos/3543-Bolsonaro](http://www.survivalbrasil.org/artigos/3543-Bolsonaro))



Em relação à integração forçada de povos indígenas, repete o discurso de outros e como

outros colonizados, com sentidos de colonizadores, mantem e divulga o tal discurso:

“Vamos integrá-los à sociedade. Como o Exército faz um trabalho maravilhoso tocante a isso, incorporando índios, tá certo, às Forças Armadas” Globo News, 3 Agosto 2018 (1:25:33)

“Nosso projeto para o índio é fazê-lo igual a nós.” Notícias UOL, 1 Dezembro de 2018

“Índio não fala nossa língua, não tem dinheiro, é um pobre coitado, tem que ser integrado à sociedade, não criado em zoológicos milionários.” Mídiamax, 22 Abril de 2015. ([www.survivalbrasil.org/artigos/3543-Bolsonaro](http://www.survivalbrasil.org/artigos/3543-Bolsonaro)).

Sobre dismantelar a FUNAI (Fundação Nacional do Índio)

“Se eleito eu vou dar uma foçada na FUNAI, mas uma foçada no pescoço. Não tem outro caminho. Não serve mais. ” Espírito Santo, 1 Agosto 2018, mencionado no site Indigenistas Associados. ([www.survivalbrasil.org/artigos/3543-Bolsonaro](http://www.survivalbrasil.org/artigos/3543-Bolsonaro)).

A palavra do então candidato caracteriza, dessa forma, o carácter plurivalente da língua, descrito na teoria, constrói o sujeito e também é construído histórico, social e ideologicamente. O eleitor do Bolsonaro se constituiu ouvindo e assimilando as palavras e os discursos do outro, fazendo com que essas palavras e discursos fossem processados de forma que se tornassem, em parte, as palavras desse eleitor e, em parte, as palavras do seu candidato à presidência, formando desse modo o princípio do dialogismo (condição constitutiva do sentido), em que tudo o que é dito pressupõe um Outro e, de maneira escancarada, assumiram a posição do pretense colonizador, repletos de colonialidade.

### 3 Já Presidente, o discurso da colonialidade expõe o duplo vínculo

A sociedade brasileira, conhecida mundialmente por sua alegria, amabilidade e passividade, passa a viver em crise de sentidos, com uma bipolaridade política provocada por

discursos equivocados ou propositalmente errôneos e contraditórios, carregados de paradoxos e colonialidade. Com um eleitorado muito mal informado, com campanhas dominadas pelo dinheiro e pela manipulação da informação em massa, vem à tona preconceitos e ódios antes encobertos.

Desse modo, com apoio de parte da população, através de variadas FDS há a tentativa de romper com direitos humanos e respeito às leis. Sem uma governança democrática se assiste à destilação do ódio e ao desrespeito às instituições e, outra parte, como um ato de resistência, se apropria do termo fascismo para descrever ao que assistem, ou seja, ao preconceito, a homofobia, o desrespeito às diferenças, não só da elite, mas também de alguns políticos, do Presidente da República e de seus seguidores.

Nos discursos ambíguos e que lembram a teoria do duplo vínculo, há quase uma esquizofrenia<sup>2</sup>. Sobre o duplo vínculo, Bateson (1976) afirma:

---

<sup>2</sup> A teoria da esquizofrenia apresentada por Bateson (1976) se baseia na análise das comunicações, especificamente, na teoria dos tipos lógicos. A partir dessa teoria e das observações se deriva uma descrição da situação chamada de “duplo vínculo” e das condições necessárias para ela, uma

situação na qual uma pessoa, faça o que fizer, não pode ganhar. E aprisionado pelo duplo vínculo pode desenvolver sintomas esquizofrênicos[...]”. (Bateson, Jackson e “*Wackland, Towards a theory of schizofrenia*”, 1976, p.231).

[...] esta é a classe de comunicação que se estabelece entre o pré-esquizofrênico e sua mãe, mas também ocorre nas relações normais. Quando uma pessoa se encontra enredada numa situação de duplo vínculo, responderá defensivamente de uma maneira similar ao esquizofrênico [...]

Bolsonaro enquanto candidato já construiu discursos contra a preservação, contra os órgãos de controle ambiental e contra grupos ou pessoas envolvidas na defesa do meio ambiente, no entanto, ao ser eleito à presidência, seu discurso violento e desagregador, ganhou força e ação.

Na análise de FDs do Presidente Bolsonaro apresentado em sua fala na 74ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, quando os líderes mundiais se reuniram em Nova York, nos Estados Unidos, verificamos o que a teoria demonstra: um discurso contraditório e repleto de CPS específicas.

Uma FD, conforme dito anteriormente, determina tudo *o que pode e deve ser dito* pelos falantes de uma língua em uma dada formação ideológica. Procurando enganar a sua audiência, líderes mundiais, jornalistas e ambientalistas. Bolsonaro e sua equipe (com a mesma ideologia e sentidos) tenta manipular

o ouvinte e nessa tentativa deixa vir a superfície a sua verdade e sua ideologia.

Em um discurso de aproximadamente trinta minutos, desafiou seus críticos no cenário nacional e mundial, pregou contra o *socialismo* e defendeu o golpe militar de 1964 como uma vitória contra a influência comunista cubana na região. Sem temer boicotes globais ao agronegócio brasileiro, também defendeu sua política ambiental para a Amazônia, que reivindicou como um tema apenas brasileiro, e criticou as extensões de terras destinadas aos povos indígenas em meio à crise de imagem por causa das queimadas recordes na floresta.

O discurso mistura alguns trechos acurados com outros falsos, além de imprecisões históricas, se assemelhando ao duplo vínculo presente na esquizofrenia. Abaixo, analisamos algumas FDs presentes no discurso do presidente brasileiro, quando trata da Amazônia:

“Senhorita Ysani Kalapalo, agora vamos falar de Amazônia. Em primeiro lugar, meu Governo tem um compromisso solene com a preservação do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável em benefício do Brasil e o mundo. O Brasil é um dos países mais ricos em biodiversidade e riquezas minerais. Nossa Amazônia é maior que toda a Europa Ocidental e permanece praticamente intocada. Prova de que somos um dos países que mais protegem o meio ambiente.” (74ª Assembleia Geral da ONU). [www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2019/09/bolsonaro-defende-direito-de-desenvolvimento-aos-indigenas](http://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2019/09/bolsonaro-defende-direito-de-desenvolvimento-aos-indigenas)

Como relação à crise internacional desatada pelo crescente desmatamento da Amazônia, mostra seu desconhecimento e se defende atacando. Como troféu e com sentidos colonialistas (tal qual um estrangeiro colonizador), exhibe a indígena Ysani Kalapalo (uma *youtuber* originária da bacia do Xingu e duramente questionada por grande parte das lideranças indígenas do país).

Como em todo discurso neocolonizador, o escopo é construir uma visão única em seus seguidores. Quanto à avaliação do nível de

desmatamento, a ONG WWF concluiu, em relatório no final de 2018, que 20% da Amazônia brasileira foi destruída desde 1970, segundo análise de 50 pesquisadores com base em pesquisas de outras 19 organizações. Nos últimos dez anos, entre 2008 e 2018, o sistema PRODES, do Instituto Nacional de Pesquisas Científica (INPE), registrou o desmatamento de 74.000 quilômetros quadrados da floresta amazônica — área quase 1,5 vezes maior que a do Estado do Rio de Janeiro.

Ainda assim, aquele período registrou as

menores taxas de desmatamento da história. As informações de 2019, medidas pelo sistema DETER, que fotografa a situação dia a

dia, apontam para uma aceleração da destruição sob Bolsonaro. E sobre esse tema, Bolsonaro declara:

“Nesta época do ano, o clima seco e os ventos favorecem queimadas espontâneas e criminosas. Vale ressaltar que existem também queimadas praticadas por índios e populações locais, como parte de sua respectiva cultura e forma de sobrevivência. Problemas qualquer país os têm. Contudo, os ataques sensacionalistas que sofremos por grande parte da mídia internacional devido aos focos de incêndio na Amazônia despertaram nosso sentimento patriótico. É uma falácia dizer que a Amazônia é patrimônio da humanidade e um equívoco, como atestam os cientistas, afirmar que a nossa floresta é o pulmão do mundo.” (74ª Assembleia Geral da ONU). [www.brasildefato.com.br/2019/09/24/brasil-de-bolsonaro-na-onu-nao-tem-queimadas-desemprego-nem-violencia](http://www.brasildefato.com.br/2019/09/24/brasil-de-bolsonaro-na-onu-nao-tem-queimadas-desemprego-nem-violencia)

Nessas FDs, novamente a contradição e falta de conhecimento se exibem com a ausência de delimitações precisas entre as fronteiras que separam uma FD de outra(s) faz com que elas apresentem, muitas vezes, conflitos dentro delas mesmas e entre si. Esta inscrição entre diversas FDs acontece exatamente pelas formações ideológicas que as circundam e as abrangem.

Bolsonaro atribui a alta das queimadas apenas a fatores sazonais e climáticos, mas especialistas apontam sua retórica contra “a indústria da multa ambiental” e o estrangulamento dos órgãos de controle como um incentivo explícito às queimadas. A análise das áreas queimadas e sua extensão também reba-

tem a ideia do presidente de atribuir o fenômeno apenas às populações tradicionais. Porém, Bolsonaro é acurado em um ponto: a Amazônia não é o pulmão do mundo. Na verdade, as algas marinhas são as maiores responsáveis por produzir o oxigênio do planeta. Contudo, a floresta é responsável por regular o ciclo de chuvas na região, tão importante para o equilíbrio dos rios e oceanos.

Ademais, com a apropriação do discurso do colonizador e com FDs contraditórias coloca a máscara do colonizado e desse modo faz dos sentidos dos colonizadores, os seus sentidos, reafirmando paradoxos e contradições. Essas contradições permanecem nesses FDs:

“Hoje, 14% do território brasileiro está demarcado como terra indígena, mas é preciso entender que nossos nativos são seres humanos, exatamente como qualquer um de nós. Eles querem e merecem usufruir dos mesmos direitos de que todos nós. Quero deixar claro: o Brasil não vai aumentar para 20% sua área já demarcada como terra indígena, como alguns chefes de Estados gostariam que acontecesse. Existem, no Brasil, 225 povos indígenas, além de referências de 70 tribos vivendo em locais isolados. Cada povo ou tribo com seu cacique, sua cultura, suas tradições, seus costumes e principalmente sua forma de ver o mundo. A visão de um líder indígena não representa a de todos os índios brasileiros. Muitas vezes alguns desses líderes, como o cacique Raoni, são usados como peça de manobra por governos estrangeiros na sua guerra informacional para avançar seus interesses na Amazônia. Infelizmente, algumas pessoas, de dentro e de fora do Brasil, apoiadas em ONGs, teimam em tratar e manter nossos índios como verdadeiros homens das cavernas.” (74ª Assembleia Geral da ONU). [www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2019/09/bolsonaro-defende-direito-de-desenvolvimento-aos-indigenas](http://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2019/09/bolsonaro-defende-direito-de-desenvolvimento-aos-indigenas)

O que notamos nas FDS de Bolsonaro é que ele assume o discurso do colonizado-colonizador (Fanon, 2008) perante seus pares ao tomar posse da linguagem do colonizador. É possível, em todo o seu discurso, perceber que ao apropriar-se do discurso do colonizador, o colonizado quer manipular e mostrar uma suposta superioridade.

Bolsonaro, como um colonizado-coloni-

“sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”. (BRASIL, 1988, p. 150)

A desaceleração das demarcações vem desde o Gestão Dilma Rousseff. Mas, durante os dois anos de Michel Temer, o quadro piorou. A única terra que chegou a ser homologada nesse período foi revertida na Justiça. No entanto, essa questão ganhou barreiras ainda maiores desde que Bolsonaro assumiu o Planalto, em janeiro. Foi o primeiro presidente a falar abertamente que não retomaria as demarcações – 63% das 1.290 terras indígenas brasileiras ainda aguardam providências do Governo para serem reconhecidas ou homologadas.

Fanon (2008) explica que “todo povo colonizado nasce com um complexo de inferioridade devido ao sepultamento da originalidade

zador, fortalecendo a colonialidade, apela ao nacionalismo e atribui a uma conspiração internacional de ONGs o interesse pela Amazônia e na proteção dos povos indígenas.

A Constituição Brasileira de 1988 ordenou a demarcação de terras indígenas em até cinco anos, e reconhece aos povos indígenas, em seu artigo 231:

cultural”, ou seja, “quanto mais o colonizado assimila os valores culturais do colonizador, mais escapará da sua selva”. Daí, percebe-se que o processo de rejeição de sua brasilidade por Jair Bolsonaro resulta em uma sujeição à cultura norte-americana e judaica dos discursos ouvidos em sua formação militar (nos encontros militares designados à doutrinação, os doutrinadores têm formação norte-americana e israelense<sup>3</sup>). A esse respeito, Fanon (2008) comenta que o colonizado-colonizador vê o colonizador como um semideus. Por isso, tenta se apropriar desse discurso e de ações, tentando ele mesmo se tornar um semideus., como se observa nesse seu discurso:

“O Brasil agora tem um presidente que se preocupa com aqueles que lá estavam antes da chegada dos portugueses. O índio não quer ser latifundiário pobre em cima de terras ricas. Especialmente das terras mais ricas do mundo. É o caso das reservas Yanomâmi e Raposa Serra do Sol. Nessas reservas, existe grande abundância de ouro, diamante, urânio, nióbio e terras raras, entre outros. E esses territórios são enormes. A reserva Yanomâmi, sozinha, conta com aproximadamente 95 mil km<sup>2</sup>, o equivalente ao tamanho de Portugal ou da Hungria, embora apenas quinze mil índios vivam nessa área. Isso demonstra que os que nos atacam não estão preocupados com o ser humano índio, mas sim com as riquezas minerais e a biodiversidade existentes nessas áreas.” (O material jornalístico produzido pelo Estadão é protegido por lei. As regras têm como objetivo proteger o investimento feito pelo Estadão na qualidade constante de seu jornalismo. (74<sup>a</sup> Assembléia Geral da ONU) <https://brpolitico.com.br/noticias/onu-jair-bolsonaro-indios-ysani-kalapalo/>

<sup>3</sup> 2020 ([www.eb.mil.br/web/interno/informex/2020](http://www.eb.mil.br/web/interno/informex/2020))

A ignorância desse contexto produz novamente monstruosas FDs. Pode-se dizer, então, que Bolsonaro não conhece e nem se envolve com a cultura brasileira, amazônica ou com comunidades indígenas brasileiras e por isso

A cultura não é só o primeiro passo para se ser humano, isto é, para se poder valorizar a humanidade, como também, enquanto exercício de intersubjetividade, o primeiro passo para a aprendizagem da democracia, isto é para dar voz ao outro, mesmo quando ela não ressoa a nossa. Para se ser universal ou inclusivo, isto é, para não excluir, só falta exercitar a empatia, que é a capacidade de se pôr no lugar do outro, constantemente<sup>4</sup>.

Não só no discurso da ONU, como em todos seus discursos, Bolsonaro deixa vir à tona todos os valores construídos durante sua vida, pontos de vista errôneos que não lhe permitem ver e reconhecer os valores de sua própria cultura. Com sentidos do colonizado-colonizador através de FDs contraditórias ele se permite dizer o que quer e, utilizando essa máscara do colonizador, ele pinta o retrato que quer do que ele quer. Embasa, portanto, a ideia de que

“O índio mudou, tá evoluído... Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós. Então, vamos fazer com que o índio se integre à sociedade e seja realmente dono da sua terra indígena, isso é o que a gente quer aqui”, disse Bolsonaro. (Discurso Proferido no dia 04 de março de 2020). <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/24/cada-vez-mais-o-indio-e-u-m-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-transmissao-nas-redes-sociais.ghtml>

Observamos, em discursos proferidos diariamente pelo atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, a ausência de delimitações precisas entre as fronteiras que separam uma FD de outra(s), o que faz com que elas apresentem, inúmeras vezes, conflitos dentro delas mesmas e entre si. Como vimos na teoria, essa inscrição entre diversas FDs acontece exatamente pelas formações ideológicas que as circundam e as abrangem, e que expõe, claramente, a utilização da máscara de colonizador pelo sujeito do discurso.

Ademais, é essa máscara de colonizador

terá dificuldades em desempenhar o seu papel e exercitar sua capacidade de se pôr no lugar do outro, como se observa em Umberto Eco (1975):

a colonização tem múltiplas facetas e que a audiência alvo de tais FDs precisa estar consciente a respeito disso para que seja possível criar estratégias de descolonização:

Uma FD do Presidente Bolsonaro que exhibe seus sentidos colonizadores e sua ignorância ao tratar de populações tradicionais e povos indígenas são ressaltados nesta asseveração:

que Bolsonaro, enquanto colonizado, veste para construir em seus seguidores uma imagem de *homem de bem*, autoritária e acima da lei, com discursos de ditos e desditos. Uma falsa supremacia que conduz seus eleitores a toda forma de violência contra pessoas, comunidades e recursos naturais.

Durante a pandemia do coronavírus, o presidente Jair Bolsonaro teve muitas falas polêmicas. Além disso, o parlamentar desrespeitou as recomendações e medidas de segurança ditas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Várias de suas frases foram

---

<sup>4</sup> The culture is not alone the first step for if human being, that is, to can valorize the humanity, as well as, while intersubjetividade exercise, the first step for the learning of the democracy, that is to give voice to another, even when she does not resound ours. To whether be universal or in-

clusive, that is, to do not exclude, alone fault exercise the empathy, which is the capacity of if put in place of another, constantly. (*In*: Eco, 1975)

consideradas insensíveis e anacrônicas devido ao momento que o Brasil e o mundo estavam, e seguem, passando.

No dia 24 de março/20, quando o país registrava 10 mortes por coronavírus e várias cidades já estavam em quarentena Bolsonaro se pronunciou dizendo que o vírus não seria nada demais. O presidente disse que a contaminação por coronavírus seria como uma “gripezinha” ou “resfriadinho” e disse que, se ficasse doente, não sofreria, pois tem um histórico de atleta.

No começo da pandemia, no dia 26 de

“E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”, disse, em referência ao seu nome, Jair Messias Bolsonaro. Retrospectiva 2020: frases polêmicas de Bolsonaro sobre a pandemia ([www.dci.com.br/politica/retrospectiva-2020-frases-polemicas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia/58217/](http://www.dci.com.br/politica/retrospectiva-2020-frases-polemicas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia/58217/))

Em abril deste ano, durante uma coletiva, um jornalista questiona ao presidente sobre o número de mortes por COVID-19. Bolsonaro, então, interrompe a pergunta e afirma “Ô, cara, quem fala de... Eu não sou coveiro, tá certo. O jornalista ainda tenta fazer outra pergunta, mas o presidente responde a mesma “não sou coveiro, tá?” Na ocasião, o Brasil já registrava mais de 2500 mortes pela doença.

No dia 29 de abril, após voltar de um passeio com aglomeração de pessoas, o presidente afirmou que era preciso enfrentar o vírus “como homem e não como moleque”, pois era a realidade. Além disso, completou com a frase que repercutiu “Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós iremos morrer um dia”. Então, dia 24 de outubro, o presidente fez uma piada com o tema. “Vacina

março/20, o presidente fez uma das primeiras declarações polêmicas na residência oficial do Palácio da Alvorada. Bolsonaro afirmou que “O brasileiro tem de ser estudado, não pega nada. O cara pula em esgoto, sai, mergulha e não acontece nada.”. Esse seria um dos motivos que o vírus não iria se proliferar aqui como nos outros lugares.

Ainda no final do mês de abril, quando questionado novamente sobre o número crescente de mortes no Brasil, Bolsonaro respondeu a seguinte frase:

obrigatória só aqui no Faísca”, disse em selfie com seu cachorro em uma postagem em redes sociais.

O presidente já disse ser contra a vacinação obrigatória no país, além de já ter se colocado contra a fabricantes de vacinas. Propagando seu discurso o presidente publicou a seguinte mensagem em sua rede social “Morte, invalidez, anomalia. Esta é a vacina que o Dória<sup>5</sup> queria obrigar a todos os paulistanos tomá-la. O Presidente disse que a vacina jamais poderia ser obrigatória. Mais uma que Jair Bolsonaro ganha”.

Uma das últimas falas polêmicas do presidente foi dita durante uma cerimônia de lançamento de um programa federal de turismo em novembro/20:

“Não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas. Olha que prato cheio para a imprensa. Prato cheio para a urubuzada que está ali atrás. Temos que enfrentar de peito aberto, lutar. Que geração é essa nossa?” Retrospectiva 2020: frases polêmicas de Bolsonaro sobre a pandemia ([www.dci.com.br/politica/retrospectiva-2020-frases-polemicas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia/58217/](http://www.dci.com.br/politica/retrospectiva-2020-frases-polemicas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia/58217/))

<sup>5</sup> Atual Governador do Estado de São Paulo.

São nesses discursos acima analisados e em tantos outros expostos pela mídia que o atual Presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, formula FDs que chegam a lembrar os discursos esquizofrênicos e nos quais, também, parte da população (pesquisadores, professores e estudantes universitários) reconhece características de um sistema de governo autoritário e fascista que opera em conluio com grandes empresas, favorecidas economicamente pelo governo, que carteliza o setor privado, planeja centralizadamente a economia, exalta o poder estatal como sendo a fonte de toda a ordem, nega direitos e liberdades fundamentais aos indivíduos, enaltece milícias e tem a pretensão de tornar o poder executivo o senhor irrestrito da sociedade.

#### 4 Conclusão

O governo de Bolsonaro, no momento desse estudo, ainda não havia completado dois anos, e neste período, o Presidente do Brasil já havia formulado milhares de formações discursivas errôneas ou distorcidas que foram amplamente divulgadas por ele mesmo em redes sociais e outras mídias.

Nos discursos analisados, nota-se a ausência de delimitações precisas entre as fronteiras que separam uma FD de outra(s) e que fazem com que elas apresentem conflitos dentro delas mesmas e entre si. Nota-se, também a presença do colonizado-colonizador que permite essas contradições entre diversas FDs e consente, desse modo, exibir a ideológica que as circundam e as abrangem.

Concluimos que é essa ideologia, cheia de contradições, construída com sentidos colonizadores e, portanto, preconceituosa, presente nas formações discursivas do Presidente brasileiro é que conduzem sua audiência ao extremismo e atos de ódio.

Em outras palavras, são as FIS que, constituídas pela interligação de diferentes FDs, possibilitam que um determinado sentido colonizador presente seja apreendidos e não outro. Além disso, são essas FIS utilizadas por ele que utilizam mecanismos de interpelação, as-

sujeitando o sujeito dentro de sua própria ideologia. Seus seguidores criam sentidos a respeito de uma determinada palavra ou ideia a partir das FDs que o constituem e das posições ideológicas que ele assume no processo sócio histórico em que esta palavra ou ideia foi produzida.

FDs repletas de duplos vínculos, ou seja, de duplas mensagens responsáveis não só pelos impasses vivenciais, mas também pelos impasses das instituições políticas, independente das ideologias que as alimentam, ou dos regimes que lhes deem suporte. Ademais, a partir desses novos sentidos, seus seguidores também se sentem colonizadores, e como colonizados-colonizadores ao se sentirem imunes e autoritários, ficam propensos a atos antes impensados.

Reconhecemos, através da análise, que Bolsonaro exibe sua visão de mundo carregadas de preconceitos, palavras, expressões ou cognomes que traduzem conceitos que nunca estão a serviço do seu próprio país, mas sim, no seu entender, agrada aos outros países vistos por ele como ideais (Estados Unidos e Israel). Expressões ou cognomes que a partir de ideias ou concepções foram periodicamente repassadas a ele pela doutrinação militar, pelos antepassados, pela escola etc.

Concluimos que hoje, como um arremedo fascista, o discurso de Bolsonaro tem sido utilizado como ferramenta de toda e qualquer ação de apropriação indébita, desrespeito à Constituição e ao próprio povo brasileiro. Sem um projeto de governabilidade, o Presidente se utiliza do discurso maldoso, esquizofrênico e falso para se beneficiar de maneira predatória de pessoas, lugares e culturas, incentivando seus seguidores a atos perversos e não democráticos e com isso destrói as paisagens, os lugar e prejudica diferentes comunidades

Ao apropriar-se de símbolos nacionais e do nome de Deus, em nome dos *homens de bem*, o atual Presidente do Brasil derrama *fakes News* e, com o discurso paradoxal com duplo vínculo (*double bind*), espalha o desres-

peito às instituições e prejuízos incontáveis ao Brasil.

## 5 Bibliografia

Bateson, G. (1976). *Pasos hacia una ecologia de la mente*. Buenos Aires.

BRASIL (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Senado Federal. Brasília.

Eco, U. (1975). *Trattato di semiótica generale*. Milan:Bompiani. English Version: *A Theory of Semiotics*. Bloomington: Indiana UP.

Epstein, I. (1993). *Gramática do Poder*. São Paulo: Editora Ática.

Fanon, F. (2008). *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador.

McDowell, L. (1996). A transformação da geografia cultural. In D. Gregory, R. Martin, & G. Smith, *Geografia Humana. Sociedade, Espaço e Ciência Social* (pp. 159-188). Rio de Janeiro: Zahar.

Memmi, A. (2007). *Retrato do Colonizado Precedido de Retrato do Colonizador*. Rio de Janeiro.

Mignolo, W. (2005). A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In E. Lander (org.), *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais* (pp. 71-103). Buenos Aires: Perspectivas latino-americanas, Clacso.

Pêcheux, M. & Fuchs, C. (2001). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In F. Gadet, & T. Hak (org.), *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (trad. B. Mariani et al. 3. ed. Campinas, SP: UNICAMP.

Said, E. (1978). *Orientalismo - o Oriente como invenção do Ocidente* (trad.

R. Eichenberg), Coleção Companhia de Bolso. São Paulo: Companhia das Letras.

Souza, Á. (1991). *Geografia Linguística: Dominação e Liberdade*. São Paulo: Contexto.

Quijano, A. & Wallerstein, I. (1992). Americanity as a concept, or the Americas in the modern world-system. *International Social Science Journal*, 44(4): 549-557.

Quijano, A. (2005). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: Perspectivas latino-americanas, Clacso.

Wallerstein, I. (1974). *O sistema mundial moderno. Vol. I: a agricultura capitalista e as origens da economia-mundo europeia no século XVI*. Porto: Ed. Afrontamentos.

Watzlawick, P.; Beavin, J. & Jackson, D. (1973). *Pragmática da Comunicação Humana*. São Paulo: Cutrix.

## Sites Visitados

<https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/04/perolas-do-domingo-de-votacao-na-amara>. Acesso em Junho/2019.

<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,nao-houve-golpe-militar-em-64-afirma-bolsonaro-no-roda-viva,70002423000>. Acesso em Junho/2019.

<https://veja.abril.com.br/mundo/erro-da-ditadura-foi-torturar-e-nao>. Acesso em Junho/2019.

<https://g7ma.com/as-frases-polemicas-e-racistas-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em Agosto/2019.

<https://survivalbrasil.org/artigos/3543-Bolsonaro>. Acesso em janeiro/2020.



<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/24/cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-transmissao-nas-redes-sociais.ghtml> Acesso em Janeiro/2020.

[www.cartacapital.com.br/Politica/bolsonaro-](http://www.cartacapital.com.br/Politica/bolsonaro-)

[em-25-frases-polemicas/](#). Acesso em abril/2020.

[www.dci.com.br/politica/retrospectiva-2020-frases-polemicas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia/58217/](http://www.dci.com.br/politica/retrospectiva-2020-frases-polemicas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia/58217/) Acesso em Janeiro/2021.